



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



A FILHA DO ESTALAJADEIRO

Por ANA BRUM — Desenhos de CASTANÉ
À AMIGUINHA GIOCONDA

NUMA região montanhosa, perto duma maravilhosa queda de água, vivia um homem chamado Tibério, dono duma estalagem onde acorriam centenas de viajantes que vinham de toda a parte ver a famosa queda de água. Pelos arredores não havia outra hospedaria e mesmo em muitas léguas em redor não havia quem tratasse os seus hóspedes melhor que o Tibério.

Este era um esplêndido homem e a filha, Gioconda, a cara mais linda daquele reino.

Tinha uns olhos feitiçeiros e, quando ria, as suas gargalhadas, cheias de sol e mocidade, atraíam como o canto da sereia lendária.

Tibério tinha já uma fortunazita e, assim, Gioconda era quási criada como uma fidalga. Usava vestidos de seda e passava horas a bordar a matiz ou a cantar trovas de então, acompanhando-se à viola. Porém, sempre que fôsse preciso, desempenhava a primor as rudes e múltiplas funções duma



(Continua na 5.ª página)

CARTA

A UMA PEQUENA AMIGUINHA

POR

MANUEL ANTONIO
Desenhos de Castañé



Esse Anjo, de que falo, asas brancas não tem,
contudo é lindo e belo:

— E' tua própria Mãe!

Sim porque o Amor de Mãe é, na aridez da Vida,
a flôr sempre viçosa e sempre refforida,
poetizando o chão por onde passa a gente.
Na alegria e na Dôr é sempre presente,
caricioso e firme. E porque à nossa Mãe
—(mais bela, mais gentil, mais nobre que nin-
guém)—

devemos gratidão, sempre que te deitares,
além das orações que, olhando o céu, rezares,
diz esta que te ensino e é talvez mais bonita
do que as outras:

— Bemdita a minha Mãe; bemdita!

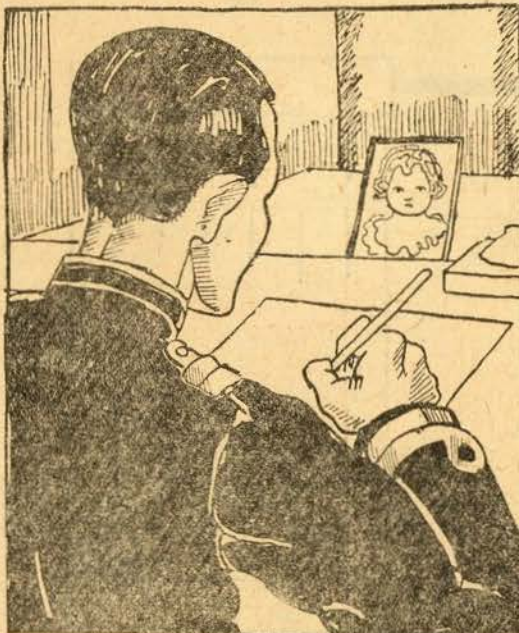
Adeus. Darás, por mim, beijinhos á Manita,
ao amiguinho Bêu e à graciosa Rosita.

Saudades e um milhão
de beijos para ti,
com um estreito «chi»,
aqui,
do coração.

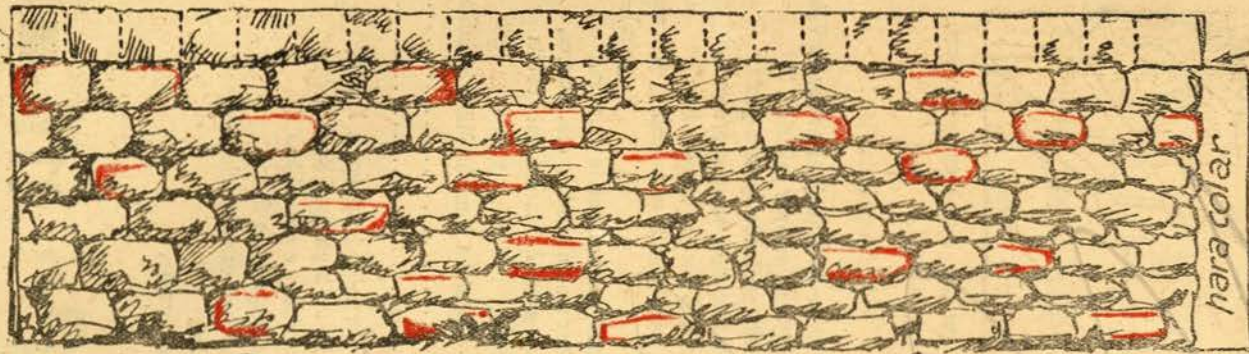
XIANA:

Tens, decerto, ouvido já falar
num anjo encantador com asas de luar,
que vigia os bêbés?! Já, com certeza, ouviste;
mas não sabes quem seja. E, emtanto, esse Anjo
existe!

Vais conhecê-lo, pois... Quando estás doentinha,
éle é quem de ti cuida e, doce, te acarinha
com suave meiguice. E foi quem modelou
teu pequenino Ser e foi quem te ensinou
a soletrar, a ler, a venerar os teus,
a ajoelhar, pôr as mãos e orar, rezar a Deus!



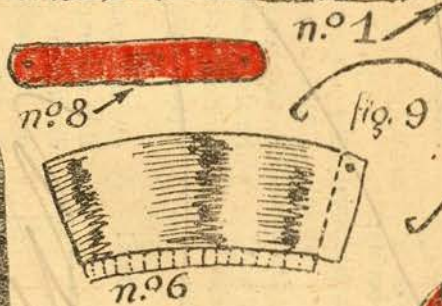
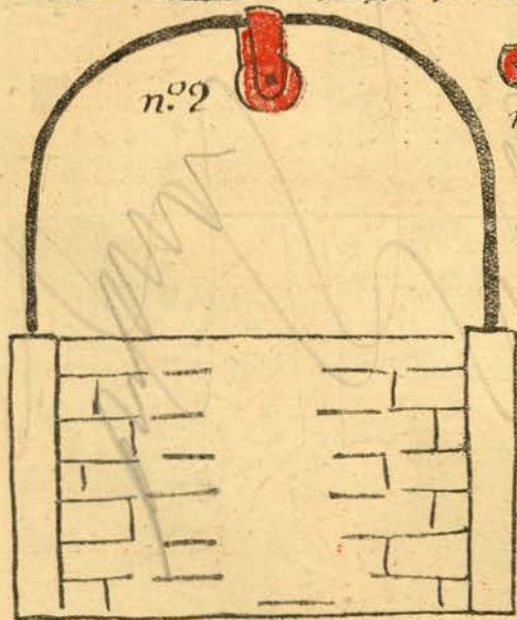
■ f i m ■



UM POCO

CONSTRUÇÃO
PARA ARMAR

Vide instruções
na página 6





A FILHA DO ESTALAJADEIRO—(Continuado da primeira página)

simples criada e, muita vez, quando o tempo estava radioso, a beleza dos campos tentava-a, e lá ia ela, com as criadas, lavar roupa num ribeiro ou ceifar para a fazenda.

— «Por piedade dá-me água!!! Morro de sede e as chagas queimam-me como brazas... Quiz beber no rio mas viram-me, apedrejaram-me e chamaram-me leproso!! E se não fôsse a rapidez

em grande grita, um grupo de homens, armados de pedras e varapáus, e que, depois de alarmarem os de casa, liquidariam o lazarento, se Gioconda não se puzesse diante dele, de braços abertos, e dissesse:

— «Deixem ir em paz o pobre-zinho... Bem lhe basta o seu mal!!»

Então o estalajadeiro afastou devagarinho a filha, e segredou-lhe:

— «Deixa, que eles vão julgar que o matei!» e, fazendo girar habilidosamente um varapáu atordoou, com uma grande pancada na cabeça, o cavaleiro lazarento, cuja nobre montada, ao sentir sobre si o dono desmaiado, se empinou e disparou a galope, sumindo-se numa curva da estrada, derrubando à passagem alguns homens.

Então, Tibério disse para a filha: — «Vês?! Quando o cavalo parar, já êle voltou a si e ao menos destes está êle livre!...»

Adoecera uma das servas e, como a estalagem estava cheia, Gioconda tomara prontamente o lugar dela.

Um dia, pela tarde, estava ela a varrer a soleira da porta principal, depois de ter regado os jasmims que embalsamavam o pátio, quando apareceu um cavaleiro montado num alazão branco e fogoso, mas arreado modestamente.

Chegando perto da filha do estalajadeiro, suplicou: — «Dá-me água e tem dó do pobre lazarento!!!...»

Gioconda, pálida e horrorizada, viu que o cavaleiro era ainda garboso e desempenado, mas que o rosto e as mãos estavam terrivelmente chagados.

Era, de certo, leproso. Ia já a fugir, mas o pobre homem ajuntou:



com que o meu cavalo galopa, não te teria encontrado aqui sôzinha, a ti, que de certo és boa e me vais socorrer...»

Mas, neste momento, ouviu-se uma algazarra e entrou no pátio,

Gioconda, nessa noite, não podia dormir. A idéa de que não cum-

pira o seu dever: *dai de beber a quem tem sede*, por culpa do pai, afligia a bôa rapariga.

Enervada com a falta de sôno, tornou a vestir-se e foi encostar-se à sua janelinha emoldurada de era. Do pátio vinha um enebriante aroma a jasmim e Gioconda gozando a frescura e o sossêgo da noite, ficou-se a scismar, fitando as estrelas irmãs dos seus olhos...

... Súbito, ouviu um relinchar longínquo e, a seguir, uns gemidos muito distantes e indistintos.

— «*! Seriam o chagado e o seu cavalo?!...*»

A caridosa menina desceu ao andar inferior, onde todos dormiam; e, sem despertar ninguém,

muniu-se duma bilha de água e duma lanterna. Guiada pelo instinto, saiu do pátio e foi andando pela estrada deserta. Num dado momento um cavalo branco dirigiu-se para ela e, pegando-lhe com os dentes na fita da cintura, levou-a até uma clareirinha afastada do caminho, onde jazia por terra o cavaleiro lazarento.

Gioconda falou-lhe e espargiu-lhe as fontes com água fria. Logo o cavaleiro se reanimou e bebeu sofregamente da água que ela lhe oferecera.

Então, Gioconda tirou um lenço de seda que trazia ao pescoço e, encharcando-o, começou a lavar-lhes as chagas horríveis, enquanto lutava, corajosa e timida-

mente, com uma invencível repugnância.

Porém, as chagas largavam muito sangue, muito sangue e mais sangue e muitas crostas. Contudo, Gioconda ia lavando sempre com paciência, e, para ver melhor, deu a lanterna ao cavalo que, inteligente, como um homem, a segurou na boca à altura da cabeça do cavaleiro.

As crostas e o sangue iam caindo sempre e o rosto do cavaleiro ficando menos hidoendo até que, de todo lavado, Gioconda viu, com espanto, a cara dum bonito rapaz que a fitava com o ar divertido de quem acaba de pregar-lhe uma grande partida.

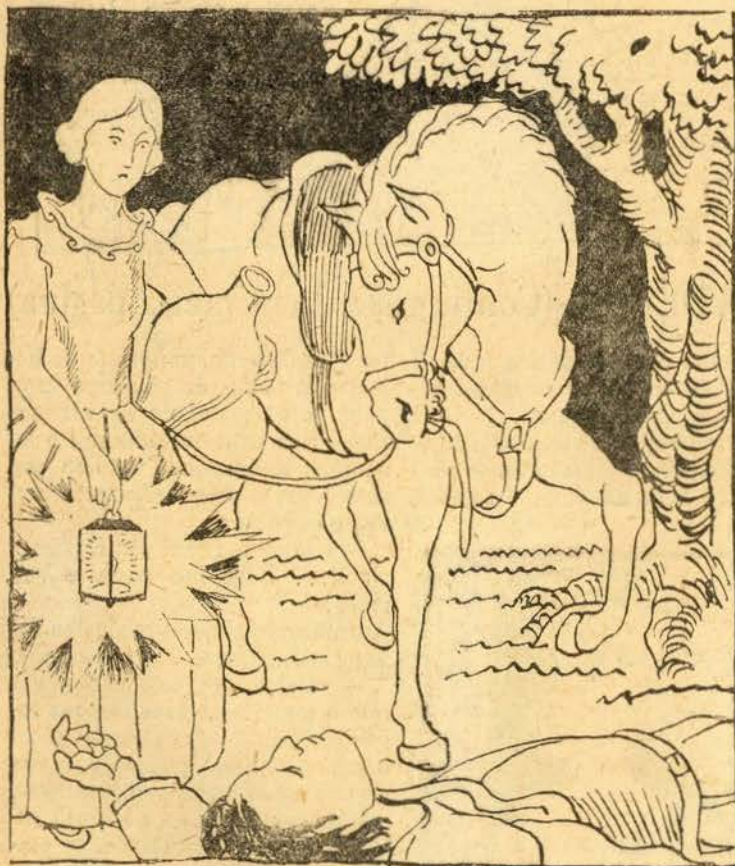
Ele, então levantou-se e, enquanto lavava as mãos, explicava à surpreendida Giocondá:

— «*Estas chagas todas eram apenas um disfarce. Sou Joanito, filho do teu rei. Ouvi falar da tua beleza peregrina, do encanto sem par dos teus olhos e da tua bondade sem fim. Quiz certificar-me e ver com os meus próprios olhos... Por isso me servi deste disfarce, que por sinal me ia custando caro... A sede é que era verdadeira! Bem hajas tu, rapariga, que ma mataste e que ultrapassas, em formosura e piedade, as mais entusiásticas descrições que façam de ti...*»

É agora vai para casa e não contes nada a ninguém.»

Dizendo isto, tirou a lanterna dos dentes do cavalo e entregou-a à rapariga, que continuava surpreendidíssima e fascinada pela simpatia que emanava do príncipe. Este abriu uma bolsa e entregou um riquíssimo anel com pérolas a Gioconda, dizendo-lhe:

— «*Em agradecimento do que tu és capaz de fazer pelos desventurados do meu reino e em memória da ventura que me deste, guarda êsse anel...*»



UM PÔÇO — CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

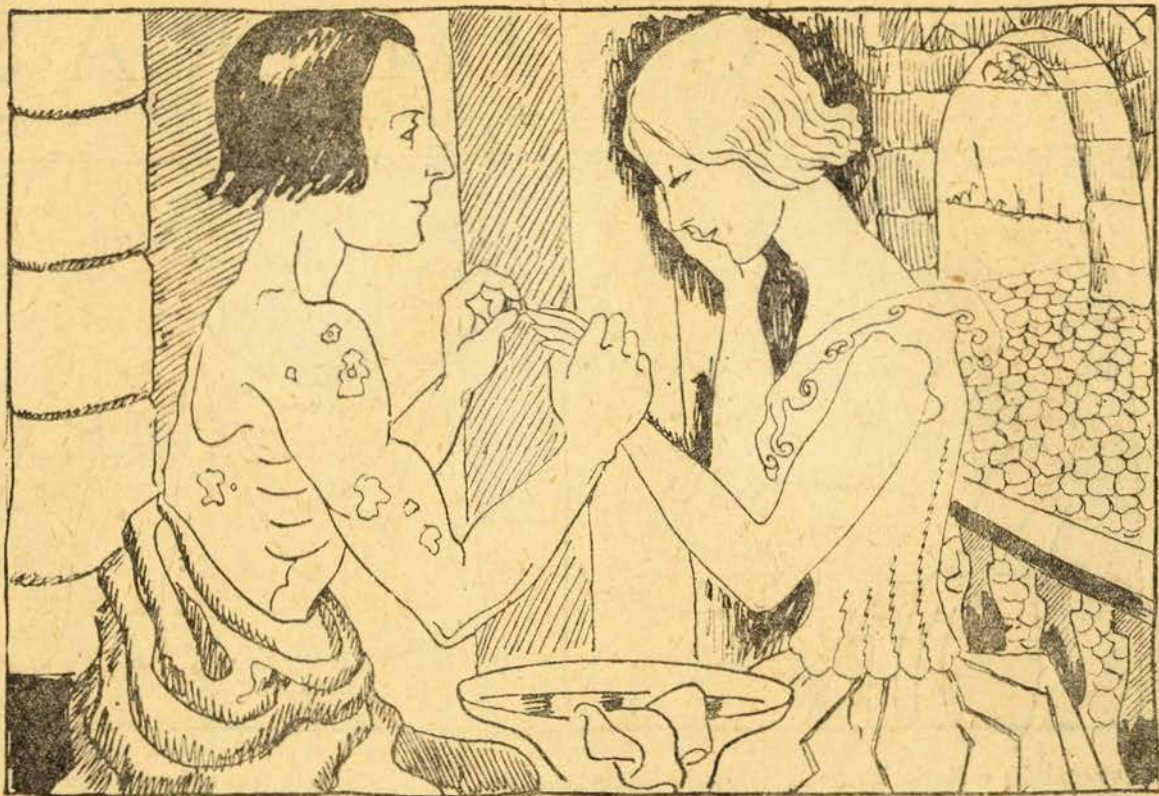
INSTRUÇÕES—Na *figura 1* dobrar para dentro a parte do poço indicada com uma seta, dando pequenos cortes nas linhas de pontos e, em seguida, dobrar para dentro, para fazer o rebordo do poço.

Com dois pequeninos paus e um pedaço de arame, conforme está indicado na *figura 2*, far-se-há a armação do poço. A falta de arame, recorte-se o próprio desenho, colando esta parte em cartão mais espesso. As *figuras 7 e 8* são as peças de roldana que serão dispostas segundo a *fi-*

gura 2, unindo as rodas, sem as colar, com um guita, a fim de ser introduzida entre elas a corda do balde, *figura 6*. Nesta *figura* deve cortar-se o ponteador para colar o fundo, que será feito com uma rodela de cartolina à medida.

A asa do balde pode armar-se com um pequeno aro de arame delgado, *figura 9*.

As *figuras 3 e 4* constituem a frente e as costas da mulher que vai buscar água ao poço.



E, montando, ágilmente, sumiu-se na noite escura.

Gioconda entrou de novo em casa sem ser percebida, mas nunca mais deixou de pensar no cavaleiro lazarento.

Já não lhe apetecia ir ao rio lavar; nenhum sol de ouro, nenhuma campina viçosa tentam agora seus passos... e nem os seus finos bordados a entreteem!!! Passa horas fechada no seu quarto a contemplar o anel...

Porém, uma bela manhã, entram três arautos no pátio da estalagem, e, mais atrás, chega um brilhante cortejo que rodeia um cavaleiro formosíssimo montado num alazão....

Arautos e cavaleiros gritam: *Leprosos!! Leprosos!!* e o estalajadeiro, seus hóspedes e criados, que acorreram ao ouvir aquele borborinho, fitam embasbacados aqueles belos e saudáveis mancebos, sem perceberem a razão do grito: *Leprosos, leprosos!*

Mas, do cavalo branco desmonta-se o príncipe Joanito, que entrega, da parte do rei, uma missiva ao estalajadeiro.

Enquanto o estalajadeiro lia a carta, apareceu Gioconda, que, estando no seu quarto, ouvira ruído, fôra à janela e, não acreditando no testemunho dos seus olhos, descera para se certificar, sem se lembrar sequer de tirar o anel, que o príncipe lhe dera e que, até ali, só usava no quarto.

O príncipe correu para ela tomando-lhe as mãos; sorriu-se, satisfeito, ao ver o anel e disse:

— «O teu amor sei que o tenho; agora vamos ver se o teu pai consente em que cases com um leproso?»

Nesta altura o estalajadeiro acabava de ler a carta. Mudo de comoção, lançou-se nos braços da filha e do príncipe e começou a chorar de felicidade e orgulho.

Quando pôde falar, pediu desculpa ao príncipe de o ter atordoadado com o varapáu e declarou que, visto a filha gostar dele, nada tinha a opôr ao casamento.

Como em todas as histórias, dos tempos que já lá vão, Gioconda e Joanito foram muito felizes e tiveram muitos meninos.

Tibério vendeu a estalagem e foi morrer, muito velhinho, junto da filha que sempre o estimou e respeitou, sem nunca se envergonhar da sua proveniência humilde.



O NOSSO CONCURSO: — A pedido de alguns retardatários, prevenimos os nossos leitorzinhos, de que fica prorrogado o prazo para a entrega dos originais de peças para o TEATRO DE FANTOCHES, até ao dia 15 do próximo mês, irrevogavelmente. As condições do concurso foram publicadas no N.º 268, de 28 de Janeiro próximo passado

BRINCADEIRAS



Zequinha e Maria T'reza resolvem, com ar ligeiro e toda a sua esperteza, brincar às compras. Primeiro combinam com singeleza que ela fará de fregueza e ele fará de caixeiro.

Maria T'reza, com ar de grande dama, entra agora na loja para comprar... E pergunta sem demora: — Tem lenços para assoar? — Volve o Zéca, indo-os buscar: — Tenho, sim; minha senhora.

E este tem um pormenor que o não torna nada feio e o faz mesmo encantador, pois tem bainha ao redor e o centro é que está no meio; pode comprar sem receio, não ha igual nem melhor.



Num grupo de pequenitos, à hora da brincadeira, Carlitos começa aos gritos, numa infernal choradeira. Surge, então, doce e fagueira, a Mãezinha do Carlitos,

que, ouvindo tal borbolino, pergunta aflita: — o que foi?! Dize, conta, meu filhinho, quem te fez mal, que te doi?!... Explica, então, Francisquinho que há um ano é já «cow-boys;

Estavam brincando com vosso filhinho, Zeca e Manel; nisto, com grande alvoroço, fazem rifas de papel, para escolherem aquele que lavaria o pescoço e a sorte... foi cair nele!